

henrique vasconcelos
gibran gonçalves

humanos, criação e corporeidade



© Editora Saber Criativo, 2019.

Primeira edição, setembro de 2019.

Impresso no Brasil.

Você tem a liberdade de compartilhar, copiar, distribuir e transmitir esta obra, desde que cite o autor e não faça uso comercial.

www.editorasabercriativo.com.br

contato@editorasabercriativo.com.br

fb.com/sabercriativo

@sabercriativo

PROJETO GRÁFICO & DIAGRAMAÇÃO

Lissa Gabriela

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Regina Fernandes Sanches

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V331p

Vasconcelos, Henrique Mata de
Humanos, criação e corporeidade / Henrique Mata de Vasconcelos;
Gibran Gonçalves Leandro. - Campinas: Saber Criativo, 2019.
168 p.

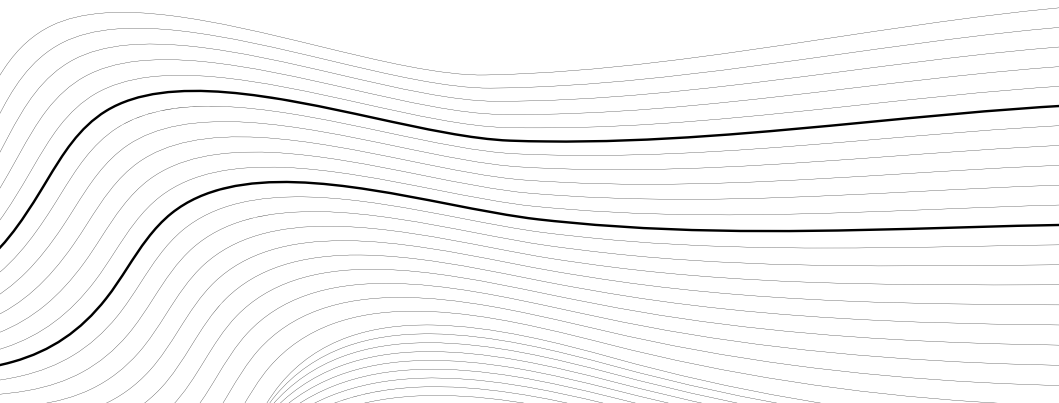
Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-54925-35-2

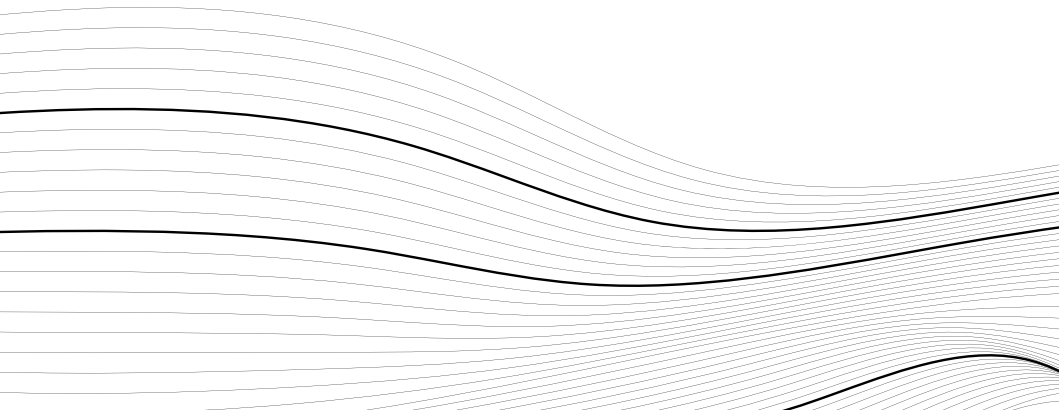
1. Antropologia Teológica 2. Teologia Sistemática
3. Corporeidade 4. Agostinho de Hipona 5. Amor 6. Ética

CDD: 218

sumário

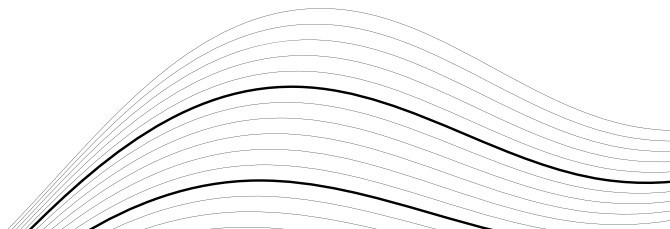


6	prefácio
12	introdução
18	amante, o amado, o amor e a blasfêmia em agostinho
30	ecoteologia: visão cristã e crise ecológica
74	a imagem de Deus na ética da coletividade
120	corporeidade e libertação
158	referências



prefácio

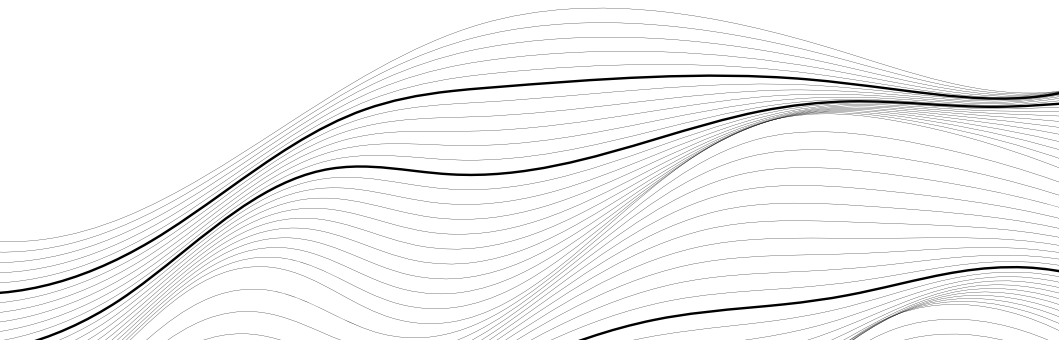
por claudia danielle de andrade ritz



claudia danielle é doutoranda em Ciências da Religião no PPGCR da PUC-Minas, como bolsista FAPEMIG. Mestre em Ciências da Religião no PPGCR da PUC-Minas (2018), como bolsista CAPES: *A casa púrpura e escarlata: Um estudo sobre os aspectos sociorreligiosos da violência doméstica experienciada por sete mulheres pentecostais.* Especialista em Direito do Trabalho pela UCAM-RJ (2010). Bacharel em Direito pela PUC-Minas (2008). Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Izabela Hendrix (2018). Membro do grupo de pesquisa Religião e Cultura do PPGCR da PUC-Minas (desde 2016).

contato

claudiaritz7@gmail.com



Pensar a relação entre Humanidade e Casa, é refletir sobre nossa própria existência e experiências. Somos, sobretudo, nossa própria casa enquanto individualidade humana expressa em nossa corporeidade e manifesta na relação entre seres viventes. A teofania e nossas experiências humanas, são manifestas em nossos corpos. Em João 1.14 o apóstolo estabelece uma relação entre a corporeidade daquele que viu, com a corporeidade Daquele que manifestou a glória. A sintetização das experiências é “Vimos sua glória”.

As experiências de ser gerado, nascer e morrer, perpassa nossa corporeidade nos ciclos de concepção, formação e perecimento e alcança toda e qualquer existência indiscriminadamente. Aliás, estes ciclos se concretizam em todo ser vivo, não sendo privilégio da humanidade. A nossa corporeidade e existência relacional evoca a “face do outro” descrita por Emmanuel Levinas, que não deve ser negada, negligenciada e tampouco violada. Enquanto

cristãos, em Marcos 12.33 o Cristo nos ensina que devemos “amar ao próximo como a nós mesmos”. Impossível amar sem o exercício da corporeidade e negando a face do outro. Portanto, assertivamente os autores consideram a antropologia uma das principais disciplinas da teologia. Não há fazer teológico na ausência humana.

Como lar de toda a humanidade, a nossa “Casa Comum” dita por Leonardo Boff, é acolhedora, não estabelece distinção religiosa, étnica, racial, econômica, política, biológica, é lar de todos os seres viventes. Essa Casa Comum é uma complexidade pungente que exala vida e manifesta a presença “crística” cósmica, cunhada por Pierre Teilhard de Chardin. Sendo assim, a relação entre criação e criatura, deve ser nutrida pelo cuidado, não pela dominação monetizada pelo antropocentrismo desmedido, como bem alertou Jürgen Moltmann. Que não nos esqueçamos, a nossa Casa Comum é berço de todo nascedouro

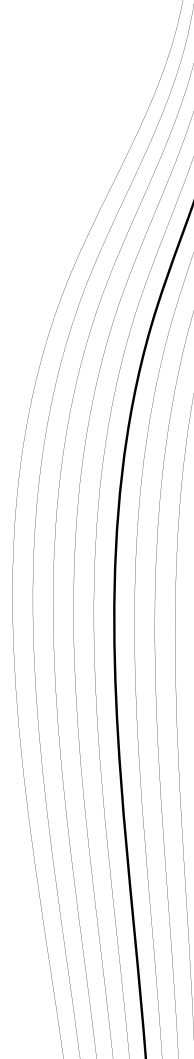
e lápide de todo falecimento. Por isso, toda a corporeidade se reintegrará organicamente à estrutura da Casa Comum.

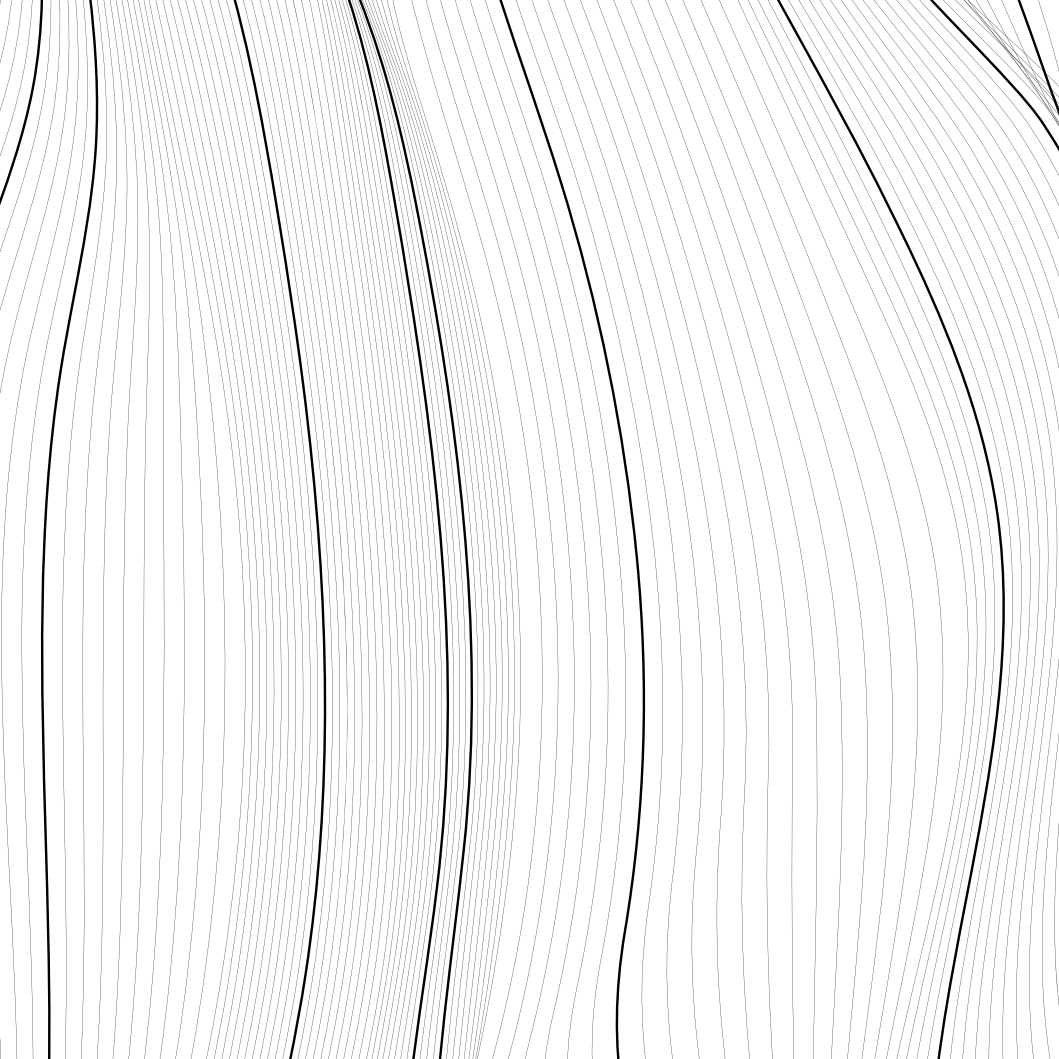
A reflexão proposta pela obra que foi preparada com muito zelo pelos autores, sugere que a casa corpórea purificada é o lugar privilegiado de ética e amor para com o Outro e para com a nossa Casa Comum. Logo, somos convidados/as a um reencontro com o Amado, o Amante e o Amor dito por Agostinho de Hipona, por meio da nossa corporeidade, nesse palco da vida que é a nossa Casa Comum. Como sugeriu Leonardo Boff, em um autógrafo, “descubra Deus em seu interior e no universo!”.

introdução

por henrique vasconcelos e gibran gonçalves

teólogos em construção





A antropologia teológica é uma das principais disciplinas da teologia. Aliás, uma vez que a reflexão teológica sempre parte de experiências humanas e, posteriormente, de análises a respeito delas, é difícil entender uma teologia que não seja, de alguma maneira, antropológica. Diante disso e, face as realidades e desafios que a contemporaneidade nos traz, é imprescindível que a reflexão transcenda a academia e a comunidade científica. Para tal, é necessária uma teologia pastoral e real que vividamente leve a sério os problemas que estão no cenário atual.

Se a Terra é nossa casa comum (Leonardo Boff), o corpo é em si a nossa casa própria que, por sua vez, moradia do Espírito Santo (Apóstolo Paulo). Ele mora, igualmente, em inúmeras outras casas. A nossa casa está localizada em contextos com várias casas, que se situam na grande casa comum e o Espírito Santo habita nelas.

No primeiro capítulo buscamos realizar um diálogo com Santo Agostinho e sua compreensão acerca do Amante, do Amado e do Amor (Trindade), juntamente com a narrativa evangélica sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo. Assim, dialogaremos sobre o humano e seu chamado a viver uma vida em relacionamento com a Trindade e em seu reino do Amor, o que nos leva a uma decisão de sim ou não ao Espírito Santo que ama habitar nossa casa.

O segundo capítulo é de suma importância, pois trata da ética em relação à criação, paradigma ecológico que nunca é suficientemente tratado no âmbito da fé cristã. Parte da compreensão ser imprescindível o resgate da responsabilidade do ser humano com o meio ambiente, com a nossa casa comum.

No terceiro capítulo buscamos analisar a doutrina da imagem de Deus e “combater” a privatização

da qual ela foi vítima. Visando resgatar, assim, a dimensão missiológica e coletiva da imagem de Deus na humanidade – missão relativa à nossa vizinhança.

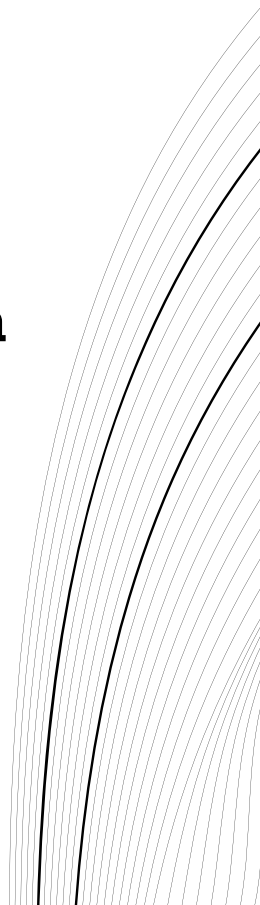
Por fim, no quarto capítulo, incluímos o tema sobre a concretude da corporeidade humana, da sua profundidade e fruição, ou seja, sobre a beleza do nosso corpo, casa própria e integral.

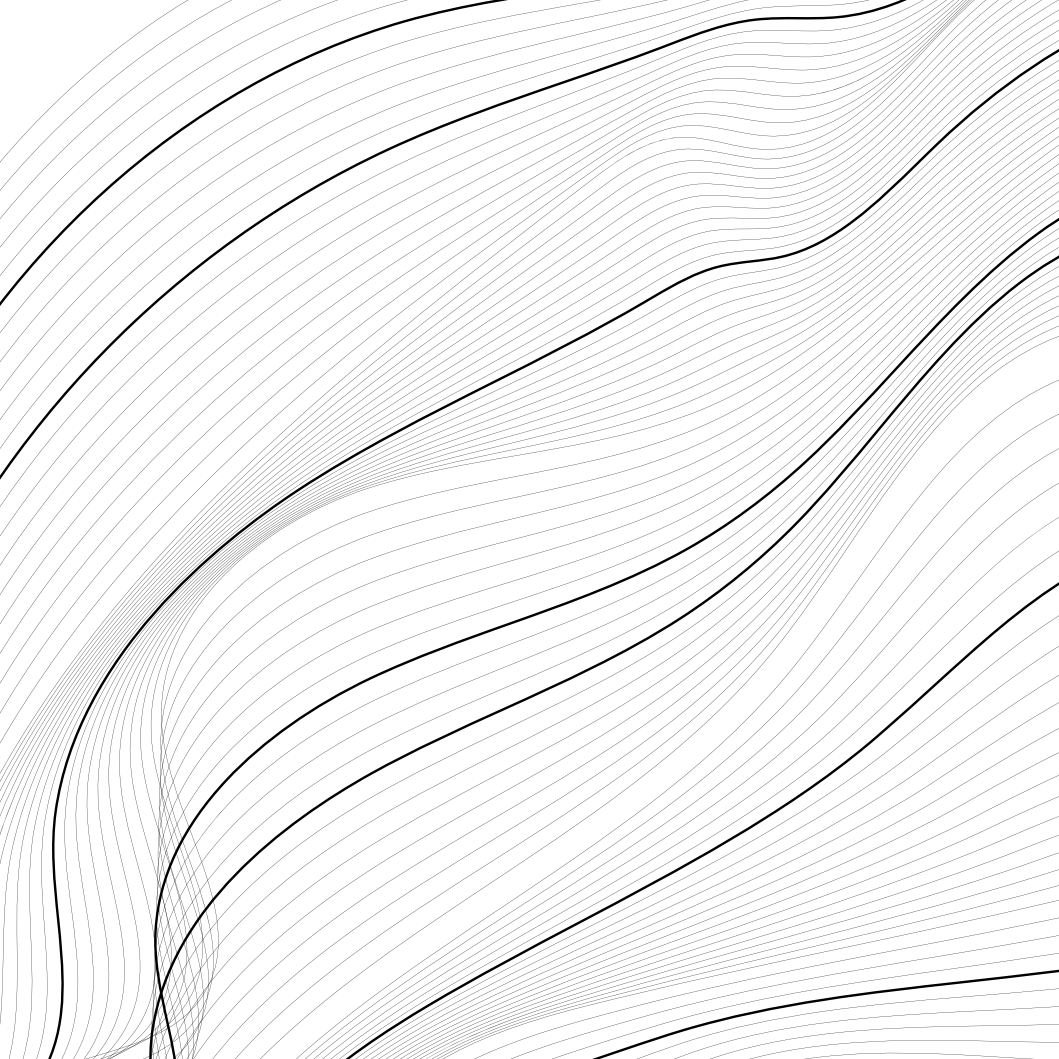
Desejo que o Amante, o Amado e Amor falem com você(s) assim como tem falado conosco através dessas reflexões. Que paradigmas venham a ser superados, resgatados e construídos. O nosso desejo é que o falar do Espírito seja ouvido pela sua Igreja, pelo seu povo.

Caridosamente,
Henrique e Gibran

1. amante, o amado, o amor e a blasfêmia em agostinho

por henrique vasconcelos





O amor é um mistério inexplicável. Como sentimento, constitui-se de percepções e sensações sentidas pelo ser humano, todavia, caracteriza-se por ser, de modo pleno, inexprimível. O que sentimos sempre é maior do que externalizamos. Como atitude, transcende os sentimentos negativos e limitadores que poderiam, se não superados, paralisar o humano em um estado de não-humanidade. O amor é um mistério sem fim. Partindo dessa asserção tentaremos refletir um pouco sobre ele.

Outro assunto que nos preocupa como cristãos e que está relacionado ao tema do amor é o que Jesus quis dizer quando falou sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo. Há uma íntima relação entre esses dois pontos, que tratamos, ainda que brevemente. E, para tal tarefa, dialogaremos com um Pai da Igreja primitiva, principal teólogo patristico do Ocidente, Agostinho, Bispo de Hipona.

O amor

O amor é um mistério inexplicável! Essa, com certeza, é a frase que perpassa esse capítulo. Contudo, sua beleza nos cativa a viver em sua dinâmica e a querer conhecê-lo mais, a fim de vivê-lo mais. A imensa vontade e paixão, no sentido de sentimento insaciável, como uma enorme chama que nos anima, e que chamamos de amor. Ele nos faz desejar ficar perto daquele, daquela, daquilo que amamos e nos dá esperança. A respeito da esperança, José María Arguedas expõe que “o que sabemos é muito menor que a grande esperança que sentimos”.¹ Isso inclui o que sabemos a respeito dela e o mesmo acontece com a fé e com o amor, esses que Paulo considera extremamente importantes: “Assim, permanecem agora estes três: a fé, a esperança e o amor. O maior deles, porém, é o amor” (1 Co 13:13). Para Paulo, e igualmente para nós, o mais importante dos três é o amor.

1 ARGUEDAS *apud* GUTIÉRREZ, Gustavo. A verdade vos libertará. São Paulo: Loyola, 2000. p. 18.